

ETNIAS E CULTURAS NA OBRA GILBERTIANA: O NEGRO

Elide Rugai Bastos

Neste artigo pretendo abordar, de modo sintético, limitado pela sua própria extensão, o tratamento dado por Gilberto Freyre ao problema do negro no seio de sua obra. Para atingir tal intento, busco relacionar a *questão racial* com dois outros componentes fundamentais de sua reflexão: o *patriarcalismo* e o *trópico*. Os textos gilbertianos que serviram de apoio às colocações aqui apresentadas foram: *Casa-Grande & Senzala*, *Interpretação do Brasil*, *Novo Mundo nos Trópicos* e *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*.

O tema da articulação das etnias e culturas, constitui, na obra de Gilberto Freyre, elemento que não pode ser dissociado da discussão sobre o trópico. Em sua análise, propõe um debate com vários autores que anteriormente discutiram a formação nacional – Silvio Romero, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, Paulo Prado, dentre outros. Elege como instrumento condutor de sua reflexão um método híbrido – o compreensivo – resultado do encontro de várias perspectivas analíticas: a sociológica, a econômica, a antropológica, a histórico-social e a psicocultural. As sociedades modernas em desenvolvimento nos trópicos, caracterizadas pela *transição* entre dois mundos, requerem, para seu estudo, uma metodologia pouco ortodoxa. ¹ Aponta para o fato de nas sociedades marcadas por dois traços antagônicos – “dois climas, dois tipos de solo e de vegetação, duas raças, duas culturas, duas concepções de vida, dois complexos ecológicos” ² – a busca de equilíbrio entre os dois polos não se pode fazer sem conflito, sempre vencendo, porém, a *fusão*, a *acomodação* e a *assimilação*. Essa dualidade permite a tais povos que “sejam não somente mais dramáticos, porém psicologicamente mais ricos e culturalmente mais complexos do que os povos sem aquela duplicidade

de alma que lhes desenvolve uma capacidade especial não apenas para suportar contradições mas para harmonizá-las".³

O Brasil, marcado por essa configuração, tem tradicionalmente buscado a solução dos conflitos gerados por aquela oposição através da integração ou do equilíbrio de elementos antagônicos. Isso é possível porque constituímos-nos num encontro *democrático* de três raças com caracteres diferentes, mas harmonizados: o português, o indígena e o negro. Essa harmonia resulta num caráter especial do povo brasileiro: é capaz de conciliar oposições. "O segredo do sucesso do Brasil em construir uma civilização humana, predominantemente cristã e crescentemente moderna, na América tropical, vem da capacidade do brasileiro em transigir. Enquanto os ingleses, mais do que qualquer outro povo, possuem tal capacidade na esfera política — seu sistema político é magistral combinação de valores aparentemente antagônicos — os brasileiros vêm conseguindo ainda maiores triunfos, aplicando essa capacidade à esfera cultural e social, na maior amplitude. Daí sua relativa democracia étnica: a ampla, embora não perfeita, oportunidade dada no Brasil a todos os homens, independente de raça ou de cor, para se afirmarem brasileiros plenos".⁴

O processo de acomodação no campo cultural ao mesmo tempo requer e é produto do amalgamento no biológico e étnico. E tal processo foi realizado pela miscigenação: primeiramente dos portugueses e espanhóis com os árabes e judeus; posteriormente destes mestiços com os índios e negros. Por esse motivo as tensões, no Brasil, não se explicitam em conflitos que emergem em movimentos sociais. As transformações se dão de forma pacífica: não existem rupturas na história brasileira.

O NEGRO

A respeito da questão negra, Gilberto Freyre dialoga com os autores de sua época e alguns que o precedem, principalmente os racistas e aqueles que superestimam o papel do indígena na formação nacional. Por isso seu debate sobre o negro toca em quatro pontos principais. Primeiramente, tem a preocupação de levantar os traços psicossociais do negro, apontando para sua adaptabilidade ao trópico, com a intenção de demonstrar a não inferioridade da raça negra em relação à raça branca. Em segundo lugar, procura mostrar que na formação nacional existe um traço profundo, menos racial que cultural, do estoque africano no Brasil; e como resultado, a partir da interpenetração das culturas lusa e africana, temos a aproximação dos antagonismos que marcam a formação brasileira. Em terceiro, resgata o negro em nossa formação, a partir de sua qualificação de *colonizador*, isto é, dá ênfase ao papel civilizador desempenhado por ele. E, como resultado do debate, o quarto objetivo visado é indicar a sociedade brasileira como caracterizada pela democracia racial.

Discutindo com os indigenistas, Gilberto Freyre quer demonstrar que nossa população tem raízes nas três raças: branca, índia, negra. Além disso, os tipos eugênicos provêm antes do africano do que do indígena. São "em geral de ascendência africana muitas das melhores expressões de vigor ou de beleza fí-

sica em nosso país. (. . .) A exaltação lírica que se faz entre nós do caboclo, isto é, do indígena tanto quanto do índio civilizado ou do mestiço de índio com branco, no qual alguns querem enxergar o expoente mais puro da capacidade física, da beleza e até da resistência moral da sub-raça brasileira, não correspondem senão superficialmente à realidade. Nesse ponto já o mestre ilustre que é o Professor Roquette Pinto insinuou a necessidade de retificar-se Euclides da Cunha, nem sempre justo nas suas generalizações. Muito do que Euclides exaltou como valor da raça indígena, ou da sub-raça formada pela união do branco com o índio, são virtudes provindas . . . antes da mistura das três raças que da do índio com o branco; ou tanto do negro quanto do índio ou do português".⁵

O debate com os racistas parte do princípio de que é anticientífico afirmar-se a superioridade ou a inferioridade de uma raça sobre outra. Constrói sua argumentação sobre a questão cultural. O primeiro ponto levantado é que toda a formação social brasileira deve-se ao negro, isto é, todo brasileiro é *racial ou culturalmente negro*. "Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo — há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil — a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano".⁶

O segundo elemento desenvolvido é a idéia de que o negro é culturalmente superior ao indígena e inclusive, em certos pontos, ao português.⁷ A base para a discussão, principalmente com Oliveira Vianna, é a constatação da diferenciação interna, em termos de complexidade, das culturas africanas; mais ainda, mostrando que foram os estoques culturais mais adiantados os transplantados para o Brasil.⁸

Gilberto Freyre aponta para o avanço científico representado pelo culturalismo, através da discussão sobre os limites explicativos da sociobiologia, principalmente no que concerne às questões da transmissão dos caracteres adquiridos e da determinação do meio. Ao utilizar elementos da teoria de Franz Boas, questiona as análises brasileiras, fundadas principalmente em Nina Rodrigues, que relacionam os caracteres físicos e os mentais.⁹

Para contestar os racistas, afirma que o Brasil não só se beneficiou com o que havia de melhor, em termos de cultura africana, como também que os negros aqui trazidos foram *pretos de raça branca*. "Fique bem claro, para regalo dos arianistas, o fato de ter sido o Brasil menos atingido que os Estados Unidos pelo suposto mal da 'raça inferior'. Isto devido ao maior número de fula-fulos e semi-hamitas — falsos negros e, portanto, para todo bom arianista, de estoque superior ao dos pretos autênticos — entre os emigrantes da África para as plantações e minas do Brasil".¹⁰ Mais ainda, negros de cultura superior porque já mestiços, o que os torna diferentes daqueles de cultura inferior que teriam sido recebidos nos Estados Unidos.¹¹

Há, então, já na translação da África ao Brasil, certa seleção racial e cultural.¹²

Essa seleção estende-se à miscigenação, a partir da particular conformação da sociedade brasileira. Os negros que se cruzam com os brancos não são aqueles degradados pelo serviço da lavoura; são os escravos domésticos. Estes são

escolhidos na senzala a partir de seu tipo físico, eugenicamente superiores e de suas aptidões mais próximas a do setor *civilizado*. "Vê-se através dos velhos anúncios de 1825, 1830, 35, 40, 50, a definida preferência pelos negros e negras altas e de formas atraentes — 'bonitas de cara e de corpo' e 'com todos os dentes da frente'. O que mostra ter havido seleção eugênica e estética de pajens, mucamas e mulecas para o serviço doméstico — as negras mais em contato com os brancos das casas-grandes; as mães dos mulatinhos criados em casa — muitos deles futuros doutores, bacharéis e até padres". 13

Dessa maneira selecionam-se negros com traços culturais e raciais mais semelhantes aos brancos. 14

Está claro que os elementos levantados apontam uma incoerência interna na análise gilbertiana. Nega, fundado na antropologia, a existência de raças inferiores e/ou superiores, mostrando que o critério cultural prevalece sobre todos. De outro lado, acaba justificando a posição dos racistas, embora seja mais avançado em seu debate: aceita a idéia de ordenação racial; mais ainda, a formulação de uma política de branqueamento que trará benefícios culturais e raciais à sociedade nacional. 15

Gilberto Freyre levanta mais uma crítica aos racistas, mostrando os limites da aplicação do critério estatístico como fonte científica indiscutível. Refletindo sobre os testes de inteligência que indicariam inferioridade do negro, mostra que os mesmos têm base cultural. E, citando Goldenweiser, afirma: "O ponto de vista estatístico, o desejo de exprimir os fatos em números e curvas é uma louvável atitude, resultado do método crítico e objetivo; mas tem seus perigos. Quando alguém exprime qualquer bobagem em palavras, não há dano nenhum; mas se a exprime em fórmulas matemáticas surge o perigo da roupagem matemática dissimular a bobagem". 16

No sentido de construir positivamente seu diálogo, procura mostrar a plasticidade do negro, sua maior possibilidade de adaptação. O negro é o verdadeiro filho do trópico. Tem uma "predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos. Maior fertilidade nas regiões quentes". É "o ungido do Senhor para as regiões de sol forte (. . .), o homem melhor integrado no clima e nas condições de vida brasileira. Adaptação que talvez se realize por motivos principalmente psíquicos e fisiológicos". Mas que resulta certamente em traços psicológicos. "O indígena na América, caracteristicamente introvertido, e, portanto, de difícil adaptação. O negro, o tipo do extrovertido. O tipo do homem fácil, plástico, adaptável". 17

As características eugênicas dos negros conservam-se no clima tropical, enquanto que as das outras raças deterioram. 18

Finalmente, mostra que a amoralidade apontada pelos racistas, como característica psíquica do negro, tem raízes sociais. "Parece-nos absurdo julgar a moral do negro no Brasil pela sua influência deletéria como escravo. Foi o erro grave que cometeu Nina Rodrigues ao estudar a influência do africano no Brasil: o de não ter reconhecido - no negro a condição absorvente de escravo. (. . .) A escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento

senão o imoral, de que tanto o acusam. Passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os primitivos em geral (. . .), é maior moderação do apetite sexual que entre os europeus. (. . .) Diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. Mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava. Onde não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava índia. (. . .) É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime". 19

O que Gilberto Freyre quer demonstrar é que há menos uma influência racial, do clima, do meio, do que a da estrutura social. Em outros termos, é impossível separar o negro de sua condição de escravo. 20

A controvérsia com os racistas funda-se na afirmação da insuficiência da visão baseada apenas na antropologia física, e da necessidade da análise estender-se ao campo da antropologia cultural. 21 Influenciado pela teoria de Franz Boas, busca assumir as duas faces do "antropólogo duplo na sua maneira de ser antropólogo. Capaz de enxergar no objeto antroporracial de estudo o seu possível desdobramento em antropossocial". 22 Todavia, mesmo partindo deste ponto inovador, Gilberto Freyre, não se atem aos elementos culturais que relativizariam a visão racista: busca o que denomina de visão globalizante do social. Da interação raça/meio físico resultariam características psicológicas que definem um estrato populacional. São esses traços que justificam a construção de uma tipologia racial do negro, bem como do indígena, ou do português, o que resultará na definição, finalmente, do *caráter brasileiro*. Afirmando que "não se negam diferenças mentais entre brancos e negros", pergunta-se "até que ponto essas diferenças representam aptidões inatas ou especializações devidas ao ambiente ou às circunstâncias econômicas e de cultura". 23 É por isso que se torna fundamental à sua análise "procurar surpreender nos principais estoques de imigrantes não só o grau como o momento de cultura que nos comunicaram". 24

Assim a identificação de grande número de negros maometanos, "de cultura superior", sabendo ler e escrever em árabe ajuda a compreender algumas das revoltas de escravos no Brasil como uma erupção de cultura adiantada, oprimida por outra, menos nobre. 25 Mas, amenizando o peso cultural, há um traço psicológico que se torna freio à revolta: a bondade. A bondade do negro que o impede de rebelar-se e o leva a aceitar tratamentos rudes é responsável por certo traço de *sadismo* que marca a formação nacional, "tendência geral para o sadismo criado no Brasil pela escravidão e pelo abuso do negro". 26

O negro é também o responsável pelo traço *dionisíaco* do caráter brasileiro; é ele quem ameniza o *apolíneo* presente no ameríndio, marcas tão patentes em seus rituais. A dança, por exemplo, nos primeiros tem caráter sensual, enquanto que nos segundos é puramente dramática. 27 A alegria do africano amenizou o caráter melancólico do português e a tristeza do indígena. Foi ele "quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. (. . .) A risada do negro é que quebrou toda essa 'apagada e vil tristeza' em que se foi abafan-

do a vida nas casas-grandes". 28 Risonho, o escravo negro canta acompanhando o trabalho, 29 cantos de alegria e não de revolta. 30

A alegria e a bondade do africano são em grande parte responsáveis pela doçura que marca as relações senhor/escravo no Brasil. O negro transforma-se em parte da família, sendo seu lugar "não o de escravos mas o de pessoas de casa. Espécie de parentes pobres nas famílias européias". 31 E é através dessas relações que pode transmitir seu "misticismo quente e voluptuoso" do qual "se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros". 32

Mas os traços psicológicos diferem entre os negros "ladinos" — os cristianizados e já abasileirados, que vivem nas casas-grandes — e os "boçais" — recém-chegados da África, falando seus dialetos e pagãos, vivendo nas senzalas e dedicados à lavoura. 33 Aos primeiros, a assistência moral e religiosa leva-os a constituírem-se em famílias à sombra das casas-grandes, o que os retira do clima de luxúria e primitivismo a que são condenados os segundos. Aquelles, mais dóceis pela própria formação recebida, é dada a oportunidade de ascensão social e, através dela, de uma cada vez maior seleção racial. 34

Os traços psicossociais do negro escravo levam a que, no Brasil, venha a desempenhar um papel *colonizador*. 35

Essa missão colonizadora é exercida também sobre o lusitano no Brasil, uma vez que "vieram-lhe da África 'donas-de-casa' para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artífices em ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de panos e sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de reza maometanos". 36

Ao entrar como escravo doméstico na casa-grande, o negro, principalmente a mulher, impõe sua cultura como dominante. É verdade que já era cristianizado, mas se o catolicismo foi a forma de aproximar-se do senhor e de seus padrões de moralidade, 37 o catolicismo lírico aqui praticado, contrariando a orientação jesuítica, foi "a política de assimilação, ao mesmo tempo que de contemporização seguida no Brasil pelos senhores de escravos; consistiu principalmente em dar aos negros a oportunidade de conservarem, à sombra dos costumes europeus e dos ritos e doutrinas católicas, formas e acessórios da cultura e da mítica africana". 38 Um catolicismo contemporizador, que permitia ao africano a conservação de "formas e acessórios de sua mítica, de sua cultura fetichista e totêmica", o que "dá bem a idéia do processo de aproximação das duas culturas no Brasil". 39 A religião foi o primeiro caldo onde se confraternizaram os valores e sentimentos negros e brancos.

Na casa-grande, as mucamas chegaram "a ser quase onipotentes como mães de criação de meninos brancos". 40 Assim, o filho do senhor, amamentado pela negra, aprendendo a falar mais com a escrava do que com o pai ou a mãe, internaliza os valores africanos ao mesmo tempo que os lusitanos. 41

A partir da língua, Gilberto Freyre tenta captar simultaneamente a interpenetração das culturas e a trama das relações sociais no Brasil.

Analisa a disparidade entre a língua falada e escrita, como produto das formas de dominação. A língua "escrita recusando-se, com escrúpulos de donzela, ao mais leve contato com a falada; com a do povo; com a de uso corrente. Mesmo a língua falada conservou-se por algum tempo dividida em duas: uma,

das casas-grandes; outra, das senzalas. Mas a aliança da ama negra com o menino branco, da mucama com a sinhá-moça, do sinhozinho com o muleque, acabou com essa dualidade. Não foi possível separar a cacos-de vidro de preconceitos puristas forças que tão freqüente e intimamente confraternizaram". 42

As diferentes línguas africanas não persistiram; mas o português não continuou em sua pureza; "nem se entregou de todo à corrupção das senzalas, no sentido de maior espontaneidade de expressão, nem se conservou acalafetado nas salas de aula das casas-grandes sob o olhar duro dos padres-mestres. A nossa língua resulta da interpenetração das duas tendências". 43 Todavia, mais do que uma forma cultural expressa conciliação ao nível social; é a forma pela qual amenizam-se os conflitos. "Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um — o 'modo duro e imperativo': *diga-me, faça-me, espere-me*. Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: *me diga, me faça, me espere*. Modo bom, doce, de pedido. E servimo-nos dos dois. Ora, esses dois modos antagônicos de expressão, conforme necessidade de mando ou cerimônia, por um lado, e de intimidade ou de súplica, por outro, parecem-nos bem típicos das relações psicológicas que se desenvolveram através da nossa formação patriarcal entre os senhores e os escravos entre as sinhás-moças e as mucamas, entre os brancos e os pretos. 'Faça-me', é o senhor falando, o pai, o patriarca; 'me dê', é o escravo, a mulher, o filho, a mucama. Parece-nos justo atribuir em grande parte aos escravos; aliados aos meninos das casas-grandes, o modo brasileiro de colocar pronomes. Foi a maneira filial, e meio dengosa, que eles acharam de se dirigir ao *pater familias*". 44

A análise do discurso serve a vários propósitos! Assim, a simples colocação dos pronomes pode mostrar que, como brasileiros, temos duas faces: a dura, antipática, do dominante, que se expressa no "faça-me isso"; e a suave, simpática, pronta a obedecer, do dominado que pede "me faça"! E nem precisamos ter uma forma só de linguagem. As duas *devem* coexistir porque, conforme indica Gilberto Freyre, "a força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados; o caso dos pronomes que sirva de exemplo. Seguirmos só o chamado 'uso português', considerando ilegítimo o 'uso brasileiro', seria absurdo. Seria sufocarmos, ou pelo menos abafarmos, metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentais, e até de inteligência, que só encontram expressão justa no 'me dê' e no 'me diga'. Seria ficarmos com um lado morto; exprimindo só metade de nós mesmos. Não que no brasileiro subsistam, como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo. De modo nenhum. Somos duas metades confraternizantes que se vêm mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas; quando nos completarmos num todo, não será com o sacrifício de um elemento ao outro". 45 Essas duas faces do indivíduo estendem-se à sociedade. É isso que caracteriza nossa forma de realizar a democracia: somos uma *democracia racial*. E isso o conseguimos porque, através do negro, escravo doméstico, redefinimos nossos contatos sociais que resultam "em novas relações com o meio, com a vida, com o mundo. Importando em experiências que se realizam através do escravo ou à sua sombra de guia, de cúmplice, de curandeiro ou de corruptor". 46

Trata-se, evidentemente, de acordo com a própria metodologia gilbertiana, da acentuação de um *traço limite* do social. Tais afirmações levantaram, no seio das ciências sociais, uma polêmica que teve como centro o questionamento do próprio conceito da democracia racial. A própria polêmica, independentemente do conteúdo, é demonstrativa da importância das contribuições de Gilberto Freyre ao debate da questão negra no Brasil.

Seu trabalho, sem sombra de dúvida, muda os rumos da reflexão sobre o social. Se, além disso relembrarmos o momento em que se inserem suas primeiras reflexões — a década de 30 — podemos afirmar que seus estudos contribuem, de maneira decisiva para o encaminhamento da resolução da questão nacional.

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1 FREYRE, Gilberto. *Novo Mundo nos Trópicos*, São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1971, pp. XXV, XXVI e XXVII.
- 2 FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*, ed. cit., p. 43.
- 3 *Ibid.*, p. 44
- 4 *Id.*, *Novo Mundo nos trópicos*, trad. Olívio Montenegro & Luís de Miranda Ccrrêa, rev. pelo autor, 1. ed. em língua portuguesa, São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1971, pp. 4-5
- 5 *Id.*, *Casa-Grande & Senzala*, ed. cit., pp. 44-45
- 6 *Ibid.*, p. 283
- 7 *Ibid.*, p. 284.
- 8 *Ibid.*, pp. 285, 286, 299-300
- 9 *Ibid.*, pp. 290-292 e pp. 294-296
- 10 *Ibid.*, p. 305
- 11 *Ibid.*, p. 304
- 12 *Ibid.*, p. 306
- 13 *Ibid.*, p. 314
- 14 *Id.*, *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, Brasileira, 2. ed., São Paulo, Ed. Nacional; Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979, pp. L e LI.
- 15 MEDEIROS, Maria Alice de Aguiar. *O elogio da dominação, relendo Casa-Grande & Senzala*, ed. cit., aponta para essa ambigüidade presente na obra gilbertiana, aprofundando a análise
- 16 *Id.*, *Casa-Grande & Senzala*, ed. cit., p. 297
- 17 *Ibid.*, pp. 286-287
- 18 *Ibid.*, pp. 46-47
- 19 *Ibid.*, pp. 315-316
- 20 *Ibid.*, p. 321
- 21 *Ibid.*, p. 304

- 22 *Id.*, *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, ed. cit., p. XXXVII.
- 23 *Id.*, *Casa-Grande & Senzala*, ed. cit., p. 297
- 24 *Ibid.*, p. 298
- 25 *Ibid.*, p. 299
- 26 *Ibid.*, p. 419
- 27 *Ibid.*, p. 289
- 28 *Ibid.*, p. 462
- 29 *Ibid.*, p. 463
- 30 *Id.*, *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, ed. cit., p. XV.
- 31 *Id.*, *Casa-Grande & Senzala*, ed. cit., p. 352
- 32 *Ibid.*, p. 355
- 33 *Ibid.*, p. 450
- 34 *Ibid.*, pp. 450, 447 e 448
- 35 *Ibid.*, p. 289
- 36 *Ibid.*, p. 308
- 37 *Ibid.*, p. 354
- 38 *Ibid.*, p. 355
- 39 *Ibid.*, p. 356
- 40 *Ibid.*, p. 359
- 41 *Ibid.*, pp. 330-332
- 42 *Ibid.*, p. 333
- 43 *Ibid.*, p. 333
- 44 *Ibid.*, pp. 334-335
- 45 *Ibid.*, p. 335
- 46 *Ibid.*, p. 336

Fundação Joaquim Nabuco
Biblioteca Central Blanche Knopf
DIVISÃO DE ASSISTÊNCIA AO USUÁRIO
Rua Iolanda Irineu, 92 - Apipucos
52.000 - Recife - PE

